



# Identidade, cultura e memórias pretas: o ativismo de Maria da Graça Oliveira e a criação do centro de memória da cultura negra graça do aché.

Identity, culture and black memories: Maria da Graça Oliveira's activism and the creation of the graça do aché black culture memory center.

*Ana Marília Alves Simões<sup>1</sup>*  
*Ivete Batista da Silva Almeida<sup>2</sup>*

## RESUMO

A pesquisa que deu origem a este artigo teve início em 2021, a partir de um projeto fomentado pela FAPEMIG. A investigação teve por objetivo o resgate da história e da memória de Maria da Graça Oliveira, patronesse do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, equipamento cultural da Universidade Federal de Uberlândia. A recuperação da trajetória de Maria da Graça enquanto criadora e dirigente do Bloco Aché e do Grêmio Recreativo do Bloco Aché, foi motivada pela compreensão de sua importância para o movimento negro da cidade de Uberlândia entre as décadas de 1980 e finais de 1990. Atuando como criadora de redes de apoio comunitário, Maria da Graça conferiu uma profunda marca no ativismo negro da cidade, e tendo seu legado sobrevivido na figura do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, na medida em que este se torna, cada vez mais, um espaço de aquilombamento da população preta uberlandense.

**PALAVRAS-CHAVE:** Centro de Memória. Cultura Afro-Brasileira. Carnaval. Bloco Aché.

## ABSTRACT

The research that led to this article began in 2021, as part of a project funded by FAPEMIG. The aim of the research was to recover the history and memory of Maria da Graça Oliveira, patroness of the Graça do Aché Black Culture Memory Center, a cultural facility at the Federal University of Uberlândia. The recovery of Maria da Graça's career as the creator and leader of Bloco Aché and Grêmio Recreativo do Bloco Aché was motivated by an understanding of her importance to the black movement in the city of Uberlândia between the 1980s and late 1990s. Acting as a creator of community support networks, Maria da Graça left a profound mark on the city's black activism, and her legacy has survived in the form of the Graça do Aché Black Culture Memory Center, as it increasingly becomes an aquilombamento space for the black population of Uberlândia.

**KEYWORDS:** Memory Center. Afro-Brazilian Culture. Carnival. Bloco Aché.

<sup>1</sup> Pesquisadora FAPEMIG, graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia e estagiária do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché. Contato: [ana.simoes@ufu.br](mailto:ana.simoes@ufu.br)

<sup>2</sup> Docente do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, Coordenadora de Pesquisa FAPEMIG, Coordenadora do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché. Contato: [Ivete.almeida@ufu.br](mailto:Ivete.almeida@ufu.br)

\* \* \*

## Introdução

Neste texto, propomos o resgate da história de Maria da Graça Oliveira, a Graça do Aché, uberlandense, nascida em 1950 no bairro Patrimônio, bairro mais antigo da cidade, atualmente com 167 anos. O Bloco Aché, bloco carnavalesco criado em 1988, juntamente com Grêmio Recreativo do Bloco Aché, desenvolveu diversas ações sociais que, além de evidenciar e destacar temáticas da cultura afro-brasileira, enfrentava diretamente o racismo, muito frequente no passado e no presente da cidade de Uberlândia. Maria da Graça, a Graça do Aché, através do Grêmio Recreativo do Bloco Aché, embora fosse uma mulher sem estudo, acreditava na educação como veículo de transformação para as vidas dos jovens, dessa forma, atuava promovendo ações formativas que visavam instrumentalizar e conscientizar os jovens pretos da periferia, com iniciativas como cursos livres e gratuitos de informática para a comunidade negra da cidade, assim como rodas de conversa com meninas pretas a respeito da prevenção à gravidez na adolescência, sempre instruindo-as a estudar, pois, para Maria da Graça, era através dos estudos que os jovens negros saíam da subalternização imposta por uma sociedade racista excludente.

Reconstruir a trajetória de uma mulher preta comum, vinda das massas trabalhadoras, não é tarefa fácil, sobretudo, num país onde os excluídos são, de diversas formas, silenciados diariamente. Assim, em 2021, no início de nossa gestão na coordenação do Graça do Aché, percebemos que tanto ‘o Graça’ – o Centro de Memória - quanto sua patronesse não possuíam registros documentais sobre suas histórias, nesse contexto, uma pesquisa foi elaborada e com o financiamento do Programa de Demanda Universal da Fapemig, a pesquisadora estagiária Ana Marília deu início à um conjunto de doze entrevistas, realizadas com pessoas que tiveram um contato direto ou indireto com Maria da Graça Oliveira, a Graça do Aché. Foram entrevistados: Glaucy Oliveira, sua filha; Ramon Rodrigues, seu cunhado e capitão do Terno de Congado Moçambique de Belém, da cidade de Uberlândia; Mônica

Rodrigues, congadeira do Terno de Congado Moçambique de Belém e esposa de Ramon Rodrigues; Babalorixá Oloirê Costa, administrador da Comunidade Nova Criatura; Sidney, que foi passista do Bloco Aché; Jeremias Brasileiro, congadeiro de Uberlândia e região e doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia; Gilberto Neves, secretário de cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia; Professora Antônia Rosa, congadeira e servidora pública de Uberlândia; Lindaura Alves, ativista feminista negra de Uberlândia; Professora Vânia, servidora da Universidade Federal de Uberlândia, foi professora da pós-graduação em Educação, História e Cultura Afro-Brasileira do NEAB/UFU; Fábio Vladimir, professor e coreógrafo e Alexandre Molina, Pró-reitor de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Uberlândia, Pró-reitoria à qual o Centro de memória está vinculado. À medida em que descobríamos mais sobre Maria da Graça, percebemos que, enquanto líder feminina do movimento negro na cidade de Uberlândia nos anos 1990, ela e seu Bloco Aché, se destacaram por suas ações que valorizavam as características da negritude e se tornaram condutores da constituição da identidade do movimento negro da cidade de Uberlândia. Como menciona Almeida:

Em Uberlândia, o início da década de 1980 foi marcado pela institucionalização das representações do movimento negro da cidade. Criada em 1981, a Liga das Escolas de Samba de Uberlândia – LESU, juntamente com o poder público municipal, passaria a responder pela organização do carnaval na cidade. Todavia, essa responsabilidade assumida pela prefeitura, restringia-se a definir em qual avenida haveria o desfile e a interdição de ruas próximas, pois, segundo Rosyane Oliveira (1999), até o início dos anos 90, não havia auxílio financeiro ou cuidados com a infraestrutura para os desfiles de carnaval na cidade de Uberlândia, tudo era conquistado a partir do esforço e da iniciativa dos próprios participantes das escolas, apenas em 1991, como resultado da organização do movimento negro, que vinha se estruturando desde a década de 80, junto às escolas, blocos e a prefeitura, é que se conseguiu um apoio de “Cr\$ 10 milhões de cruzeiros”. Foi nesse contexto de institucionalização de representações do movimento negro que Maria da Graça criaria o Bloco Aché. (2023, pp. 38-39)

O caminho trilhado por Maria da Graça, junto à sua comunidade, ao criar o Bloco Aché como lugar de ação e acolhimento, espaço para a valorização de aspectos culturais de matrizes africanas, evidencia a importância de

espaços e momentos de interação entre a comunidade negra uberlandense para o fortalecimento das identidades. A construção material e simbólica desse espaço da música, da representação e do Carnaval, possibilitou ao bloco ressignificar e consolidar seu papel social, no sentido de tornar-se *locus* de interação e construção identitária. A partir de 1988, com o estabelecimento da nova constituição no país e com o marco da redemocratização após 21 anos de ditadura militar, Maria da Graça decidiu que esse seria o momento certo para que o movimento negro da cidade, principalmente as mulheres negras, se organizassem no sentido de construir referenciais identitários fundamentados na tradição e na história do povo preto. Segundo Almeida,

O Bloco Aché, criado em 1988, tendo como Presidente: Maria das Graças, e situada sua sede à Rua: João Caetano de Rezende, 324 CEP: 38402-000 I Uberlândia - MG [...] consolidou a liderança de Maria da Graça principalmente a partir do momento em que o Bloco Aché assumiu o lugar de mediação entre os diferentes movimentos da comunidade negra uberlandense. (2023, p. 43)

As histórias de Maria da Graça, a Graça do Aché e, também do Centro de Memória Graça do Aché, serão abordadas neste artigo em três partes. A primeira parte apresenta acontecimentos relevantes da vida de Maria da Graça, coletados através das entrevistas com pessoas de seu círculo de relações. Em um segundo momento, será abordada a história de criação do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, bem como as mudanças ocorridas no Graça do Aché a partir de 2017, quando a coordenação do espaço passou a ser vinculada diretamente à Universidade Federal de Uberlândia. Por fim, serão abordadas as atividades desenvolvidas no Graça do Aché entre os anos de 2022 e 2024, período no qual a pesquisa passa a ter a presença da pesquisadora estagiária. Nessa etapa do texto, pretende-se ainda evidenciar a importância de um espaço como o Centro de Memória Graça do Aché para a população preta uberlandense, uma vez que este atua de modo a aquilombar a comunidade, com eventos relacionados a capoeira, ao Carnaval, Congado, religiões de matrizes africanas, eventos acadêmicos voltados para questões da negritude, seminário que evidencie o estabelecimento de uma educação antirracista no país, bem como aulas gratuitas de capoeira e teatro

possibilitando o contato da comunidade negra com uma gama diversa de ações e linguagens e tradições que atuam no fortalecimento das identidades.

## 2 O legado de graça do aché para a comunidade negra de Uberlândia e região

Maria da Graça de Oliveira, a Graça do Aché, nasceu no dia 12 de novembro de 1949, no bairro Patrimônio em Uberlândia - Minas Gerais, o bairro mais antigo da cidade, com 167 anos atualmente. Graça era de uma família muito carente, e por volta dos seus 20 anos de idade, ela migra para a cidade de São Paulo para trabalhar. Na década de 1970, o país vivia uma ditadura militar e, especificamente nesta década, devido a instituição do Ato Institucional n.º 5 em 1968, a repressão aos movimentos sociais estava em ascensão, a ideologia de uma “democracia racial” presente no país era propagada pelo regime civil-militar, bem como o processo de deslocamento dos jovens para as grandes cidades do Sudeste, em busca de melhores condições de vida.<sup>3</sup> Maria da Graça ficou em São Paulo por cerca de 10 anos, trabalhando muito e também, segundo entrevista realizada com sua filha Glaucy Oliveira:

“[...] ela me teve aqui, quando eu nasci, eu nasci em São Paulo. E depois de uns 10 anos, ela retorna para Uberlândia, e começa a trabalhar e começa a se envolver com as questões da cidade, principalmente com as questões dos movimentos culturais [...] ela era uma pessoa bastante [...] expansiva, aberta, que conseguia cativar os outros e, portanto, fez bastante amizades”.<sup>4</sup>

Maria da Graça estudou até o primeiro ano do ensino médio e, enquanto residiu em São Paulo, trabalhou como telefonista e também em algumas funções administrativas. Em Uberlândia, ela trabalhou como cozinheira na casa de várias famílias ricas e segundo sua filha Glaucy, ela era uma “exímia cozinheira”. Maria da Graça era muito requisitada, justamente por cozinhar eximamente bem e além de ser uma pessoa que influenciava a todos, estava

<sup>3</sup> KOSSLING, Karin Sant’Anna. “Vigilância e repressão aos movimentos negros, 1964-1983”. In: GOMES, Flávio Gomes; DOMINGUES, Petrônio Domingues (Orgs.). Experiências da emancipação. São Paulo: Selo Negro, 2011, pp. 287-307.

<sup>4</sup> Glaucy Oliveira. Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2024.

sempre disponível para ajudar os amigos, principalmente nesse sentido de cozinhar em seus aniversários ou festas, fazendo até mesmo o menu completo destes eventos. Por suas habilidades profissionais, Maria da Graça, adquiriu a habilidade de circular e interagir com pessoas de diferentes setores e escalões na cidade. O protagonismo de Maria da Graça como pessoa que estabelecia pontes entre diferentes grupos da cidade era algo que a tornava um modelo de liderança, Glaucy Oliveira nos revela um pouco sobre a admiração que sentia ao ver sua mãe, uma mulher preta, simples, trabalhadora, atuando e sendo reconhecida por diferentes grupos da cidade:

“Bom, a minha visão era de... De admiração, por estar diante de uma mulher muito forte, que conseguia fazer tudo aquilo que ela queria, que ela se propunha a fazer, que ela pensava em fazer. Ela concretizava aquilo”.<sup>5</sup>

O Bloco Aché nasceu de uma ideia conjunta entre Maria da Graça e seu marido, Saturnino ao observarem o contexto brasileiro da época e, principalmente, como era representado pela principal mídia da época: a televisão. Em 1988 a Rede Globo lançou uma vinheta com diversos artistas negros em celebração ao Centenário de Abolição da Escravatura.<sup>6</sup> Nesse sentido, Graça e Saturnino tiveram a ideia de criar um bloco para celebrar o centenário da abolição. Maria da Graça batizou o bloco carnavalesco de “Bloco Aché”, sim, com “CH”, pois

“Ela queria uma coisa diferente. Ela não queria com X. E ela espertamente procurou uma professora, a professora Olga Helena, uma pessoa bastante conhecida também na cidade. Era professora de língua portuguesa. E a minha mãe falou: “olha, eu quero com CH. Me explica, eu posso colocar? Está errado ou não?” E aí a professora deu uma explicação para ela. Ela falou: “não, Graça, foneticamente está tudo certo. Você pode escrever com CH sem problema nenhum”.<sup>7</sup>

No início das ações do bloco, os recursos eram escassos. No intuito de conseguirem fundos, alguns eventos foram realizados no bar que Graça e seu marido tinham, no bairro Santa Mônica, na cidade de Uberlândia, o objetivo

<sup>5</sup> *ibidem*.

<sup>6</sup> GLOBOPLAY. Vídeo Show relembra a vinheta especial do Centenário da Abolição. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4697370/>. Acesso em: 26 set. 2024.

<sup>7</sup> Glaucy Oliveira. Entrevista realizada no dia 21 de setembro de 2024.

era levantar fundos para que o bloco pudesse sair na avenida. Sua filha descreve que ainda se lembra que nessa ocasião, sua mãe fizera panfletos convidando seus amigos para os eventos no bar da família. Glaucy mencionou que, no primeiro ano do bloco, havia cerca de 70 pessoas, trajadas com indumentárias bem simples.

A medida em que os anos foram passando, o Bloco Aché foi se tornando o bloco mais popular da cidade, sempre levando para a avenida, temas ligados à história e a cultura negra. Segundo Glaucy, o Bloco Aché cresceu tanto que, em determinado momento ele possuía mais componentes do que as escolas de samba mais populares de Uberlândia. Tal crescimento apenas incrementou as ações de Maria da Graça como articuladora da união dos diferentes grupos de cultura negra – congado, escolas de samba, reisados etc. - que atuavam resistindo ao racismo muito presente na cidade, sendo ainda pioneira no que diz respeito à conscientização social e racial em Uberlândia. Mas, como nos afirmam nossos entrevistados e entrevistadas, o principal foco da Graça do Aché eram os jovens negros e negras, para ela, o jovem era como “uma pedra preciosa a ser lapidada”. O bloco causou grande impacto na a sociedade uberlandense, principalmente ao trazer características da negritude muito bem evidenciadas em suas apresentações, como aponta Sidney, ex-passista do Bloco Aché “A Graça, como eu falei para você [...] ela queria ampliar o seu entendimento negro, e ela trazia computação, e ela começou a montar salas de educação para adaptar esse povo negro [...]”.<sup>8</sup>

Em entrevista realizada com Fábio Vladimir, que foi baterista e coreógrafo do Bloco Aché, ele afirma que:

“[...] no Carnaval, o Bloco Aché sempre foi uma grande referência. Falava em coisas afro, ritmos afro, roupa afro? Era o Bloco Aché. E aí os outros blocos já começavam a ficar “Opa, no Carnaval ano que vem como é que eu vou sair?”. O Bloco do Sesc saía com cem pessoas, duzentas. O Bloco Aché saía com quatrocentas, quinhentas pessoas, quase uma escola de samba”.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> Sidney. Entrevista realizada no dia 12 de março de 2024.

<sup>9</sup> Fábio Vladimir . Entrevista realizada no dia 26 de janeiro de 2024.

Uma vez que o Bloco Aché nascera do desejo de, não apenas comemorar a abolição, mas pensar sobre a situação do negro no pós-abolição, nos perguntamos sobre qual seria a relação de Maria da Graça com os grupos de cultura negra da cidade. Ao ser questionada sobre o tema, sua filha, Glaucy relata que o relacionamento entre Maria da Graça e os grupos de cultura negra da cidade era baseado na parceria, na qual Maria da Graça atuava como aliada na luta por espaços e recursos para os outros grupos também.

“[...] como ela era uma pessoa muito respeitada, eu acho que ela conseguiu unir mais os diversos segmentos culturais [...] com o Bloco, que tinha uma proposta diferente, um bloco afro, que tratava de questões da comunidade uberlandense negra e dos negros de uma forma geral [...]”.<sup>10</sup>

Infelizmente, Maria da Graça faleceu no dia 21 de dezembro de 1999, devido a complicações depois de uma cirurgia. O legado de Graça do Aché permanece vivo até hoje na memória de vários uberlandenses, familiares, amigos e participantes do movimento negro, do carnaval, Congado, capoeira e religiões de matrizes africanas. Sua herança e sua memória também são preservadas no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, especialmente através das atividades desenvolvidas no espaço, que sempre colocam a população e a cultura negra uberlandense em evidência.

### **3 O centro de memória da cultura negra graça do aché sua trajetória e suas ações.**

O Graça do Aché é um importante equipamento cultural da Universidade Federal de Uberlândia, que atua de modo a aquilombar a população preta de Uberlândia e região.<sup>11</sup> O espaço foi fundado em novembro de 2002, em uma parceria com a Prefeitura Municipal de Uberlândia, a Fundação Palmares e a reitoria da Universidade Federal de Uberlândia. Inicialmente, o equipamento havia nascido como “Centro de Informação e

<sup>10</sup> *ibidem*.

<sup>11</sup> Articulando o conceito de aquilombamento, fundamentado por Abdias Nascimento. Ver mais em: NASCIMENTO, Abdias. O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista. Petrópolis: Vozes, 1980.

Referência da Cultura Negra Graça do Aché”. Em seus primeiros 15 anos de existência, foram desenvolvidas atividades coordenadas pela Secretaria Municipal de Cultura de Uberlândia. Como mencionado por Santos (2011)<sup>12</sup>, este cenário só mudaria em 2017, quando o Graça passaria a ter uma coordenação de servidora docente do quadro da Universidade Federal de Uberlândia.

Segundo Gilberto Neves, ex-secretário de cultura da Prefeitura Municipal de Uberlândia,

“A reivindicação que foi feita [...] antes da campanha para deputado federal do Gilmar Machado, era de construir um centro cultural. Quando a gente, então, iniciou as articulações para conseguir viabilizar isso, nós procuramos a Fundação Palmares, do governo federal. A Fundação Palmares tinha um projeto que se chamava de “Criação do Centro de Referência e Integração da Cultura Negra” [...] E teve um dia que a gente teve uma reunião na casa da Graça do Aché e ela queria que a gente apoiasse [...] eles queriam [...] que a gente construísse um espaço cultural para a cultura negra, que não tinha. Foi onde o deputado Gilmar fez o compromisso de que iria trabalhar para conseguir o centro cultural. E depois que ele foi eleito deputado federal, ele então tomou duas iniciativas. Colocou recursos de emenda parlamentar e foi atrás da Universidade Federal de Uberlândia pedir um terreno. E aí ela doou o terreno onde hoje está construído o Graça do Aché”.<sup>13</sup>

Durante a entrevista, Gilberto Neves também elucidou como foi decidida a homenagem para Maria da Graça Oliveira, enquanto patronesse do Centro de Memória da Cultura Negra,

“Quando o deputado Gilmar Machado era candidato a deputado federal, que a Graça participou da reunião que nós fizemos com o compromisso de construir o espaço cultural, ela era viva. E aí ele foi eleito, e quando a gente começou as ações para poder construir o espaço, ela veio a falecer. Então, ela faleceu durante o período após a eleição do deputado. Durante o período que nós estávamos trabalhando para viabilizar o espaço cultural, que veio a se chamar inicialmente “Sete Referências e Integração da Cultura Negra”. E aí, quando foi inaugurar, ela tinha falecido, e como ela tinha sido uma das idealizadoras que reivindicou, que batalhou para que tivesse o espaço da cultura negra em Uberlândia, nós achamos que seria justo homenageá-la e dar o nome no espaço do “Sete Referências de Cultura Negra Graça do Aché. Então, foi assim que nós chegamos a essa homenagem que foi feita a ela”.<sup>14</sup>

<sup>12</sup> SANTOS, Fernanda. Negros em movimento: sentidos entrecruzados de práticas políticas e culturais (Uberlândia / 1984-2000). 2011. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

<sup>13</sup> Gilberto Neves. Entrevista realizada em 06 de abril de 2024.

<sup>14</sup> *ibidem*.

No contexto de organização e articulação cada vez mais significativa do movimento negro na cidade de Uberlândia, o Centro de Memória não poderia ter patronesse melhor para representá-lo. O espaço recebe, mensalmente, ações de extensão da comunidade interna e externa da UFU, e essas atividades estão sempre de acordo com a função principal do Graça: o aquilombamento da comunidade preta uberlandense. Por exemplo, no ano de 2024, ocorreram eventos como o 1º Encontro de Mulheres Negras Empreendedoras de Uberlândia e Região; o “Mulheres de resistência falando de potências”, com a presença de Sueli Carneiro no dia 25 de abril – neste dia, o espaço atingiu lotação total, com a presença de mais de 200 pessoas – e no dia 26 de abril, a professora e ativista Rosa Margarida, Diretora da DLR-ASSESSORIA AFRO PEDAGÓGICA, também palestrou. As exposições “As Yabás, do grito ao silêncio” e “Diálogos entre passado e presente: o efeito de mudança causado por mulheres pretas”; além do 1º Seminário Regional do Graça: Reflexões sobre filosofia, história e letras: Diálogos sobre linguagens e educação antirracista, trouxeram para o espaço centenas de jovens estudantes tanto da educação básica quanto da universidade, que puderam fruir da arte e dos conhecimentos tradicionais e acadêmicos de artistas e intelectuais negros e negras.

Em consonância com o escopo do que está previsto no regimento do Graça do Aché, os eventos realizados no Centro de Memória tratam e ressaltam elementos da cultura negra de matrizes africanas, mantendo a tradição da valorização da negritude, tão defendida por Maria da Graça.

Uma das formas de ressignificar a morte de alguém é mantendo a memória da pessoa viva, de inúmeras formas. É notável como a memória e a energia de Maria da Graça Oliveira se fazem presentes num espaço onde seu legado é respeitado e difundido, mas mesmo assim, sua história e sua importância não são totalmente conhecidas pela população de Uberlândia e região. E isso ocorre porque, num país no qual a um alei que impõe o trabalho com a história e a cultura negra nos conteúdos da educação básica, não consegue ser implementada em vinte anos, a cultura negra de matrizes

africanas, que dialoga com o Congado, movimento negro, Carnaval, Capoeira e religiões de matrizes africanas não é considerada relevante, não é compreendida como prioridade para ser estudada e fomentada. Essa também é uma forma de apagamento.

O Centro de Memória possui, atualmente, duas oficinas fixas: de Capoeira e de Teatro, além de um clube de leitura de mulheres negras. É importante, contudo, destacar que, embora o Centro de Memória atue de forma intensa e dinâmica, o preconceito racial ainda se faz presente, de maneiras mais ou menos explícitas desde a falta de investimento em arte e cultura negra por parte de projetos nacionais, quanto no campo do desinteresse e a desinformação dos formadores de opinião que ignoram a história, a importância e a existência do Graça, da Maria da Graça e do Bloco Aché. Convém destacar também que, o preconceito contra as pessoas negras baseia-se no racismo, que é uma construção ideológica elaborada historicamente para justificar a dominação de um grupo sobre outro, tanto cultural quanto econômico-socialmente (SILVA, 2012, p. 20). O racismo é uma realidade latente enfrentada em Uberlândia por pessoas e grupos de cultura negra, e como mencionado anteriormente, quando Maria da Graça fundou o Bloco Aché, tinha como objetivo também enfrentar diretamente este racismo, desde suas apresentações que sempre evidenciavam elementos da cultura negra de matrizes africanas, quanto com seu diálogo com a comunidade negra da cidade.

As paredes do Graça do Aché, também vivenciaram o racismo, conta-se que durante o período em que o Centro de Memória esteve sob coordenação da Prefeitura Municipal de Uberlândia, duas pinturas murais realizadas por Wilson Filho, um estudante de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, que representam Oxalufan e Oxaguian foram cobertas com papel pardo pela coordenadora que era intolerante religiosa. Atualmente as pinturas possuem desgastes causados pela fita utilizada pela supracitada coordenadora para

colar o papel pardo e esconder as representações de Oxalá, orixá de religiões de matrizes africanas, em um centro de memória da cultura negra.<sup>15</sup>

Espaços como o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché devem ser ocupados e respeitados. O espaço possui um projeto denominado “O Graça na escola e a escola no Graça”, que tem como objetivo a aproximação entre as escolas e o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché. Enquanto Centro de Memória, o equipamento tem por missão a difusão e promoção de ações que no que diz respeito às práticas e saberes negros de Uberlândia e Região. Promover o diálogo entre o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché e as escolas da Cidade e Uberlândia é fundamental, estabelecendo assim uma rede de troca de vivências e saberes que sejam ligados à cultura e história preta de Uberlândia e região. Além do “Programa de Ocupação do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché”, que tem como objetivo fomentar o desenvolvimento de ações artísticas e culturais que estabeleçam o fortalecimento e a difusão da Cultura Negra, relacionadas ao ensino, à pesquisa e à extensão.

#### 4 Considerações finais

Desde o período do escravismo colonial e da colonização no Brasil, a população negra tem criado associações, organizações e entidades que guiaram o movimento social dos negros na luta por diferentes objetivos políticos, econômicos, culturais e sociais. De acordo com Silva (2012, p. 10), essas organizações podem ser consideradas “consequência direta da confluência entre o movimento abolicionista, as sociedades de ajuda e de alforria e os agrupamentos culturais negros” (*apud.* Gonzalez, 1982, p. 21). Além disso, a educação possui um papel fundamental na vida de muitas pessoas no Brasil e, no tocante às pessoas negras, esse papel possui um peso ainda maior.

<sup>15</sup>Representações do Orixá Oxalá, que é o detentor do poder procriador masculino. Todas as suas representações incluem o branco. Ao incorporar-se, assume duas formas: OXAGUIÃ jovem guerreiro, e OXALUFÃ, velho apoiado num bastão de prata (OPAXORÓ).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana afirmam, em suas primeiras páginas, que “É importante salientar que tais políticas têm como meta o direito dos negros se reconhecerem na cultura nacional, expressarem visões de mundo próprias, manifestarem com autonomia, individual e coletiva, seus pensamentos” (BRASIL, 2004, p. 10).

Nesse sentido, a partir da promulgação da Lei 10.639/03, o estudo das culturas Africana e Afro-brasileira torna-se obrigatório na rede básico, tornando necessário o esforço para a construção de uma educação para as relações étnico-raciais, pois

“A lei 10639/03 não é, de modo algum, apenas uma regra legislativa de natureza “curricular” ou afim, mas um dispositivo que assume como efeito colateral profícuo, por um lado, a desconstrução de um imaginário estereotipado em relação à cultura afro-brasileira e a afirmação identitária do afrodescendente e, por outro lado, a divulgação de episódios históricos e ideologias de cunho discriminatório, acerca da história da África e dos africanos em situação de diáspora” (SILVA, 2021, p. 24).

No mesmo texto, Silva (2012) destaca que, na medida em que essa história é ensinada em sala de aula, são desfeitos os equívocos que, tradicionalmente, propagam-se nas escolas a respeito das culturas africanas e afro-brasileiras, principalmente a respeito do legado africano que chegou no país, em um primeiro momento por meio dos escravizados e, posteriormente, através dos fluxos migratórios voluntários ou compulsórios.

É nesse sentido que entendemos a importância de que uma educação antirracista seja estabelecida, com atividades de integração dos saberes da cultura popular e dos saberes acadêmicos, como no projeto “O Graça na escola e a escola no Graça – Difusão de saberes negros” que tem como objetivo promover o diálogo entre o Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché e as escolas da Cidade e Uberlândia, estabelecendo assim uma rede de troca de vivências e saberes que sejam voltados a cultura e história preta de

Uberlândia e região, principalmente para que esses estereótipos a respeito da população africana e afro-brasileira sejam desmistificados.

No início desta pesquisa, a equipe constituída por Ivete Almeida, Leonardo Oliveira e Cristiano Alvarenga encontrou obstáculos relacionados à inexistência de documentação catalogada no Arquivo Municipal e a falta de informação da Secretaria de Cultura quanto ao destino de documentos – como as sinopses das temáticas dos carnavais de escolas e blocos – dificultou muito a reconstrução da trajetória do Bloco Aché, assim como a história do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché e de sua patronesse. A partir da chegada da estagiária Ana Marília Simões à equipe de pesquisa, o material coletado pelas entrevistas tornou-se matéria prima fundamental no processo de reconstrução destas histórias.

Sendo assim, espera-se que a história de Maria da Graça Oliveira e do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché seja preservada e difundida no Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché, especialmente através desta pesquisa, que possui este esforço fundamental para que demais pesquisadores possam trabalhar com esta temática, por isso, as entrevistas ficarão disponíveis na íntegra e transcritas, em um acervo online do Centro de Memória da Cultura Negra Graça do Aché.

## Referências

### Fontes Orais

Entrevista realizada com Fábio Vladimir no dia 26 de janeiro de 2024, na cidade de Uberlândia, através da plataforma *WebConferência*. Recursos utilizados: anotações e gravador de tela. Tempo da entrevista: 15 minutos. Acervo ‘Jeremias Brasileiro’ Centro de memória da Cultura Negra Graça do Aché.

Entrevista realizada com Gilberto Neves no dia 06 de abril de 2024, na cidade de Uberlândia, através da plataforma *WebConferência*. Recursos utilizados: anotações e gravador de tela. Tempo da entrevista: 1 hora. Acervo ‘Jeremias Brasileiro’ Centro de memória da Cultura Negra Graça do Aché.

Entrevista realizada com Glaucy Oliveira no dia 21 de setembro de 2024, na cidade de Uberlândia, através da plataforma *WebConferência*. Recursos utilizados: anotações e gravador de tela. Tempo da entrevista: 55 minutos. Acervo 'Jeremias Brasileiro' Centro de memória da Cultura Negra Graça do Aché.

Entrevista realizada com Sidney no dia 12 de março de 2024, na cidade de Uberlândia, através da plataforma *WebConferência*. Recursos utilizados: anotações e gravador de tela. Tempo da entrevista: 45 minutos. Acervo 'Jeremias Brasileiro' Centro de memória da Cultura Negra Graça do Aché.

### Matérias publicadas em sites

CANDOMBLÉ - O MUNDO DOS ORIXÁS. Oxalá. Disponível em: <https://ocandomble.com/os-orixas/oxala/>. Acesso em: 27 set. 2024.

GLOBOPLAY. Vídeo Show relembra a vinheta especial do Centenário da Abolição. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4697370/>. Acesso em: 26 set. 2024.

### Bibliografia

ALMEIDA, Ivete Batista da. CARNAVAL, MULHERES NEGRAS EM MOVIMENTO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: O LUGAR DO BLOCO ACHÉ NA MEMÓRIA DA CIDADE DE UBERLÂNDIA. In: MISSIAS-MOREIRA, Ramon; ALMEIDA, Ivete B. S.; COLLARES-DA-ROCHA, Julio Cesar C. (Org.). *Perspectivas interdisciplinares sobre Representações Sociais* – volume 1. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023, p. 34-50.

BRASIL. Ministério da Educação/SECAD/Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial-SEPPPIR. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília, 2004.

BRASILEIRO, Jeremias. *O Congado (a) e a permanência do racismo na cidade de Uberlândia-MG: resistência negra, identidades, memórias, vivências (1978-2018)*. 2019. 268f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2019.609>.

CAMARGO, Ana Maria; GOULART, Silvana. Centros de memória: uma proposta de definição. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015. KOSSLING, Karin Sant'Anna. "Vigilância e repressão aos movimentos negros, 1964-1983". In: GOMES, Flávio Gomes; DOMINGUES, Petrônio Domingues (Org.). *Experiências da emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2011, pp. 287-307.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: Documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Fernanda. *Negros em movimento: sentidos entrecruzados de práticas políticas e culturais (Uberlândia / 1984-2000)*. 2011. 203 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

SILVA, Joana Maria Ferreira da. *Centro de Cultura e Arte Negra - Cekan*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

SILVA, M. EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL: TENSÕES ENTRE OS CURRÍCULOS AFROCENTRADO E EUROCENTRADO. *Racismo e antirracismo: reflexões, caminhos e desafios*. 1.ed. [recurso eletrônico] / organização Wesley Henrique Alves da Rocha. – 1.ed. – Curitiba, PR: Editora Bagai, 2021. Disponível em: <https://institutoressurgir.org/wp-content/uploads/2018/07/e940c474-e783-4491-ab5b-bb679234ab60.pdf>. Acesso em: 01 set. 2024.

Recebido em outubro de 2024.  
Aprovado em outubro de 2024.